

O CONCEITO PRIMORDIAL DE NATUREZA E SEU PRINCÍPIO ANALÓGICO

THE FUNDAMENTAL CONCEPTION OF NATURE AND ITS ANALOGICAL PRINCIPLE

Flávio Luiz Mestriner LEONETTI¹

Resumo: A Filosofia - inicialmente, interligada à Ciência -, como o estudo da *Physis*, uma cosmologia. As características e os processos evolucionários da Natureza, os desdobramentos históricos inevitáveis da Ciência. A necessidade primordial de um princípio analógico útil, elucidativo, simplificador das questões: a proporcionalidade adequada dos diversos "binômios" que compõem a existência, tendo a sensibilidade como indispensável eixo (ponto de apoio).

Palavras-chave: Natureza (originalidade). Princípio. Analogia. Alavanca (proporcionalidade). Ciência e humanidade.

Abstract: The Philosophy - initially, connected to the Science - as the study of *Physis*, a cosmology. The characteristics and evolutionary processes of Nature, the historical inevitable consequences from the development of Science. The fundamental need of the analogical, useful, simplifying Principle, that focus the questions: the adequate proportion of every simultaneity that composes the existence, having the sensitivity as the indispensable axle.

Keywords: Nature(Originality). Principle.Analogy. Lever (proportion). Science and mankind.

A Natureza sempre gerou perplexidade, provocando não apenas impacto, admiração, maravilhamento, como também, reações diversas como as de questionamento, dúvida, receio e temor. Se, ainda hoje, com o progressivo avanço tecnológico – por um lado, admirável, no entanto, de conseqüências também perigosas, por outro -, a *Physis* (*Natureza*, em grego) nos espanta, com sua onipresença, seu intenso dinamismo, sua potência implacável e imprevisibilidade, colocando o mundo humano a mercê não somente de suas leis universais como da própria fatalidade inexorável, o que se poderá dizer de 25 séculos atrás?

A Filosofia começou como uma investigação (*zétesis*) da *physis* do Universo, como uma cosmologia: a origem do Universo poderá ter sido a água, como havia sugerido Tales de Mileto? O ar, como havia afirmado Anaxímenes? O fogo, conforme sentenciou Heráclito de Éfeso? Os 4 elementos segundo Empédocles? Ou o *Ápeiron*, o Indeterminado, como teorizou Anaximandro? A tal questionamento dos filósofos pré-socráticos, pode-se acrescentar: qual o fim, a finalidade (*télos*) do Cosmos (Universo)? “No princípio, era o Verbo”, afirma o texto bíblico. Entretanto, não só o Princípio (a origem) e o fim são o *Lógos* como, também, a via (o processo). *Lógos* é a Palavra, o Discurso, a Razão. A Palavra que desliga, que divide a

¹Doutorado em Filosofia pela FFLCH - USP. E-mail: flavio.lmestriner@gmail.com

realidade indivisível - desintegrada, desintegradora? Este “*Lógos*” não pode ser sinônimo de consciência, potência e presença, em processo de expansão.

A própria Natureza - em suas múltiplas manifestações, expressões e dimensões -, como ensina, constantemente, o valor do processo!

Mas a Ciência quis, por vezes, sobrepujar, ignorar os bilhões de anos da evolução natural, impondo-se, não de maneira reverente e respeitosa para com as leis inexoráveis da *physis*, mas de modo insensível e anti-humano. Resultado: derrota humilhante; resposta veemente e impiedosa da *physis*, através da manifestação da potência dos microorganismos, da proliferação das poderosas (adaptáveis) bactérias, das punições às desobediências civilizatórias sem critério e “sem medida”, dos “gritos” da ecologia interna (multiplicação de graves doenças degenerativas) e externa (aumento dos fenômenos tempestuosos, vicissitudinários da própria natureza, tais como as catástrofes e desastres), com o aumento de problemas gerados pela inversão das razões (proporções).

Devemos louvar as valiosas conquistas científicas ao longo da História, mas se torna impossível fechar os olhos a algumas das conseqüências devastadoras da ciência sem escrúpulos ou critérios humanos previdentes: a ciência genuína, a *episteme* (aquilo que se auto-sustenta sobre os próprios “*pés*”) em grego, deve focalizar, verter a favor, na direção, principalmente, da própria condição vital e humana, e não o contrário. Pois que sentido pode haver em uma tecnologia, ciência ou civilização – ainda que muito avançadas -, que menosprezem ou venham a desconhecer as normas e os limites vitais da Constituição ternária universal e individual? Que invertam a proporção entre originalidade (Natureza) e artificialidade (processo civilizatório humano), ou que violem a Ordem da própria existência global, em sua forma e funcionamento mais produtivos e eficazes?

Se a Natureza pune cada erro humano, não se trata de envolver, relacionar tal punição com culpa, ressentimento ou moralismo, mas de reeducação; de obediência à ordem evolucionária da existência mais ampla, através da contínua condição de corrigibilidade: na natureza original, o “alavancamento” (forma e função mais úteis e resultantes) é a correção constante. Isto, uma vez que, no grande e intenso dinamismo do existir, re-existir e pré-existir, tal “errância” adentra como uma dinâmica a mais, como fator multiplicador de possibilidades outras.

Darwin raciocinou em cima do aparentemente improvável e imperceptível (sem vestígios tão evidentes à investigação propriamente dita) pela maioria, desde os possíveis efeitos modeladores dos agentes naturais sobre a paisagem (das ondas marítimas sobre as falésias ao longo de milhões de anos; da percepção das marcas de superposição relativamente

às camadas sedimentares e geológicas aos cálculos geniais dos milhões de anos em relação ao planeta Terra), o “Pai” do evolucionismo não se acomodou nas facilidades cômodas, mas se habituou às adversidades felicitadoras, às dificuldades forjadoras e à singularidade responsável (responsável).

O que pode, então, ser percebido como *Natureza*, em meio ao intenso dinamismo evolucionário compreendido e desenvolvido por Charles Darwin? A Natureza é maravilhosa, benevolente, generosa, provedora, carinhosa, acolhedora, silenciosa, clemente, tolerante, tranquilizadora, harmônica, pacífica, previsível, mas também, terrível, tempestuosa, expurgadora, competitiva, seletiva, estrondosa, rigorosa, implacável, conflitante, desarmoniosa, competitiva, imprevisível, incerta. Possui tantas dimensões que seria impossível a um não-especialista elucidá-las todas, com foco e precisão. Se, em uma dinâmica simultaneidade, há a natureza atômica, subatômica, fisiológica, biológica, física, química, físico-química; orgânica, mecânica, sensorial, extra-sensorial; local, histórica, geográfica, temporal, espacial; metafísica, magnética, eletromagnética, geológica, atmosférica, micro/macro-cósmica, sideral, quântica; determinante / indeterminada, particular / universal etc., o que pode, em meio a tantas caracterizações e dimensões, sintetizá-la, de modo mais funcional que formal?

Comparativamente, qual é alavanca mais ampla, poderosa? É a alavanca da natureza. A religião, também, é uma alavanca. Realmente, essa confirmação da alavanca é muito importante.

A alavanca é uma confirmação inacreditavelmente satisfatória, incomparavelmente poderosa. O sinônimo de onipotência é alavanca, alavancamento, alavancagem. Então, podemos dizer: **natureza alavancadora**. Isto é válido para os movimentos cósmicos e micro-cósmicos, desde o movimento de cada estrela, das galáxias, até os micróbios, bactérias, vírus.

Todos os processos de alavancamento evolucionário estão seguindo o processo da existência dinâmica.. Dinamização é desequilíbrio re-equilibrador. O alavancamento é realmente circulante, rotativo, desequilibrante. E o erro corrigido é nossa esperança e possibilidade re-equilibrante. Quanto mais erros se utilizam, quanto mais erros se corrigem, mais amplo é o resultado da correção (SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1997, p.111).

Considerado um dos maiores cientistas da História da humanidade, o grego Arquimedes foi um dos grandes precursores da ciência.

Se fato algum era considerado sem importância a este físico e matemático grego, é de interesse observar sua personalidade e psicologia: diante dos problemas, jamais demonstrando aversão, uma viva curiosidade e entusiasmo caracterizavam sua mente exploradora. Dentre outras coisas, Arquimedes descobriu as leis da alavanca e das polias:

Arquimedes acendeu uma flama que conduziu à descoberta do cálculo – a matemática de mudar as proporções, as velocidades e as quantidades.

Foi ele quem abriu a porta da ciência moderna. Provavelmente, seu maior legado para o mundo foi *um modo de pensar* a matemática. Assim como seus predecessores, tinha um modo de focalizar as coisas em ordem, passo a passo, de maneira a provar e reprovar suas próprias idéias, enquanto as trabalhava. Mesmo tendo pertencido a uma das maiores civilizações que o mundo conheceu, Arquimedes sobressaiu-se entre muitas inteligências brilhantes (BENDICK, 2002, p.20).

As leis das polias e das alavancas, descobertas por Arquimedes, proporcionaram ao homem de todas as épocas e lugares a força de trabalho, a força realizadora a muitas atividades e projetos.

O Princípio analógico da “alavanca” como focalização objetiva e simplificadora das questões:

Para responder ao que é, na realidade, o *princípio da alavanca*, de Arquimedes, nada melhor do que se ater aos exemplos simples, concretos: o saca-rolha, o *pé-de-cabra*, o martelo, o remo – apenas para citar alguns – são alavancas. Uma das descobertas mais esplêndidas e úteis que a humanidade já realizara, compõe-se a alavanca de três partes: a parte potencial maior, a parte resistente menor e o fulcro, eixo (ponto de apoio). A finalidade da alavanca é, precisamente, o enfrentamento do mais dificultoso, pesado, laborioso. Sua função é transformar a dificuldade em possibilidade, facilitando o trabalho a ser realizado. Se a proporcionalidade (das partes que a compõem) efetuada das tarefas estiver invertida, se o seu uso for ao contrário, multiplicar-se-á a impotência: manipulando-se uma alavanca invertida, o problema se torna insolúvel, o impasse sem saída (solução).

Em uma analogia, pode-se conceber a vida humana, praticamente, como uma embarcação, cuja rota, orientação e destino podem ser sempre redirecionados, de acordo com a *bússola essencial* (a que aponta ao “norte”, segundo os verdadeiros *princípios-guia*): ainda que inegáveis, o desafio, a dificuldade e os “ventos” ameaçantes, efetivamente, podem ser utilizados como fatores propulsores, a impulsionar, ainda mais, o “navegante”, mesmo em meio às inevitáveis “ondas” (problemas, percalços, vicissitudes) do “oceano” (existência) desconhecido, constituindo, assim, sua própria possibilidade de superação, transformação. Por esse motivo, pode a alavanca ser considerada um instrumento redutor de desgastes, de esforços e de consumo de energia; bem como um fator multiplicador de resultados:

Uma máquina é qualquer dispositivo mecânico que o homem usa para ajudá-lo a trabalhar. Mas uma máquina só pode trabalhar quando o trabalho tiver sido aplicado a ela. Deve-se acrescentar algo a uma máquina para fazê-la funcionar. Deve-se acrescentar força.

Um bastão pode ser uma máquina, mas não sozinho. Uma corda pode ser uma máquina, mas não sozinha. Deve-se acrescentar-lhes força. Força pode ser um empurrão ou uma puxada (BENDICK, 2002, p.58-59).

O auxílio que nos é fornecido por uma máquina é chamado “vantagem mecânica”. Inúmeras analogias úteis podem ser feitas a fim de se elucidar ou explicitar este princípio fundamental, descoberto por Arquimedes. Todavia, e ainda mais significativo, as analogias podem estender-se à existência em geral. Por exemplo: no binômio *originalidade / artificialidade*, o aspecto orgânico (instintivo, original, vital) é o constituinte principal, sendo o aspecto mecânico (tecnológico, artificial, especializado), complementar. Algo mecânico (por exemplo, um motor) desgasta-se pelo uso; já algo orgânico, fortalece-se por sua utilização - o que demonstra sua força de auto-renovação dinâmica, a inesgotabilidade de sua própria força vital.

Às vezes, ganhamos vantagem mecânica usando uma força pequena e fazendo-a mover-se por uma distância muito grande. Arquimedes usou uma força pequena (sua própria força), movida por uma grande distância (metros e metros de corda): quando girou a manivela, esta enrolou as cordas, que puxaram o navio.

Algumas máquinas fazem o seu trabalho usando uma grande força, movida através de uma pequena distância.

A explosão de uma grande força (a da gasolina) para mover os pistões de um motor para cima e para baixo é um exemplo disso.

Todas as verdadeiras máquinas ajudam a fazer com que algo se mova. Algumas movem grandes coisas com uma pequena força. Algumas fazem as coisas se moverem mais rapidamente. Algumas mudam a direção de algo que se move (BENDICK, 2002, p. 60-61).

O trabalho que se faz com ela – empurrar ou puxar – é a força. Na alavanca, existe uma parte aparente (resistente) e uma parte oculta (potencial). O trabalho a ser feito está relacionado à resistência: através da parte menor, visível, manifesta-se a parte maior, potencial. O ponto em torno do qual a alavanca gira ou se move é o eixo, fulcro (ponto de apoio). Por exemplo, se o pensamento se potencializa quando impulsionado ou impulsionador das ações efetivas, com o intelecto apoiado no sentimento, a alavanca fundamentada nas palavras, realmente, começa a funcionar. Isto, uma vez que o conhecimento se revela com uma força vital contrastante nestes dois momentos diferenciados - quando da integração e quando da desintegração com os outros dois aspectos constitutivos do “tripé”:

Mas a força, a resistência e o apoio nem sempre têm que estar no mesmo lugar, em relação uns aos outros. Se suas posições forem mudadas, eles terão funções diferentes.

Se se usar uma vara ou um bastão para levantar uma pedra, a força (você) e a resistência (a pedra) movem-se em sentidos opostos, tendo o apoio entre elas. Essa é uma alavanca do primeiro tipo (bastão, pé-de-cabra, par de tesouras).

Em uma alavanca do segundo tipo, o apoio está em uma das extremidades, a resistência no meio e a força na outra extremidade.

Um carrinho de mão é uma alavanca do segundo tipo. Um remo, também.

Uma alavanca do terceiro tipo tem o apoio em uma das extremidades, a força no meio e a resistência na outra extremidade (BENDICK, 2002, p. 62-64).

Arquimedes foi o descobridor do princípio da alavanca, mas parece não ter descoberto relacionado e aplicado, diretamente, tal princípio à sua própria vida. Nossa existência, em diversas perspectivas e esferas, pode ser comparada a uma alavanca: antes de tudo, para evitar esforços inúteis, improdutivos e vãos, sem direção ou consequência - um esforço, atividade ou realização, sem foco, eixo e proporção, acabariam por ser a origem da própria perda de efetividade, em uma ou mais dimensões.

Por que tende o ser humano à inversão da proporcionalidade deste princípio analógico tão simples? Dentre os diversos motivos, em primeiro lugar, a inclinação a tendências mais confortáveis, fáceis e cômodas. A tentação do caminho mais fácil somente pode ser sobrepujada com a presença integral (espírito – alma - corpo; intelecto – emoções - ação; pensamento – sentimento - vontade); com escolhas criteriosas, realizadas a partir do discernimento embasado em um nível refletido, fundamentado, ou mais elevado (intelectual, social, idealístico, supremo). A finalidade da alavanca pode ser definida, pois, como o enfrentamento daquilo que é real, desafiante, problemático, dificultoso:

Só quem está enfrentando dificuldade é que pode valorizar, utilizar a alavanca. A alavanca funciona exatamente quando existe problema. Quem não enfrenta problema, não vai ter oportunidade de descobrir a utilidade da alavanca.

A prancha, como toda alavanca, tem uma parte principal e outra complementar. A prancha, dentro, é oca. Isto é muito interessante. A prancha não pode ser maciça, metálica. Ela precisa ser, normalmente e naturalmente, a mais leve possível.

A alavanca é mais funcional que formal. A função é principal; a forma, complementar. Toda atividade que tem uma forma pesada, que depende de coisas materiais, de mais quantidade, formalmente mais dependente, mais dura, que depende de coisas externas, já está com a função perdida. A alavanca tem que ter mínima força e máxima função (SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2000, p.331).

Quanto na história da humanidade já foi realizado, intuitivamente, conscientemente ou não, segundo tal princípio de economia de desgastes inúteis! Quanto já foi sacrificado por um mínimo de resultados, com resultados acidentais e desastrosos!

Quem sabe dialogar com o próprio drama histórico passado, com a própria história da humanidade como um todo (em sua riqueza inestimável de registros valorosos) e, sobretudo, com a própria Natureza interna e externa, pode evitar o esquecimento mortificante, o desaproveitamento das experiências dolorosas, marcantes e oportunas, reconhecendo não apenas o sacrifício ancestral pela sobrevivência e realização humana, como a inexorabilidade e a benevolência da Natureza. Conseqüentemente, poderá ter mais imunidade às ameaças globais, inerentes à própria existência humana e à própria Natureza universal. E, em meio à inversão do primado da verdadeira qualidade relativamente à mera quantidade, à inundação de informações de nosso mundo - em que a insensibilidade parece ser a norma a ser seguida -, é que a grande satisfação pode ser aquela advinda com o desenvolvimento de uma maior sensibilidade.

Referências:

BAILLY, A. **Le Grand Bailly: dictionnaire Grec-Français**, 4. ed. Paris: Hachette, 2000.

BENDICK, J. **Arquimedes: uma porta para a ciência**. Trad. de Cecília Prada. São Paulo: Odysseus Editora, 2002.

BRÉHIER, É. **Historia de la filosofia**. 3. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1948.

CAPRA, F e LUISI, P. L.. **A visão sistêmica da vida**. São Paulo: editora Cultrix, 2014.

CARREL, A. **O Homem, esse desconhecido**. Porto, Portugal: Educação Nacional Portugal, 1965.

CASSIRER, E. **El problema del conocimiento**. México: Fondo de Cultura Económica, 1956. 4 vols.

CHAUÍ, M. **Iniciação à filosofia**. São Paulo: Ática, 2014.

CHAUÍ, M.; MATOS, O.; LEOPOLDO e SILVA, F.; MARICONDA, P. R. PLASTINO, C. E. **Primeira Filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHARON, J. E. **L'esprit, cet inconnu**. Paris: Éditions Albin Michel, 1977.

CHANTRAINE, P. **Dictionnaire Étymologique de la langue grec**. Paris: 1957.

KNELLER, G. F., **A Ciência como atividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar –EDUSP, 1980.

MORIN, E. **O enigma do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO VITALÍCIA. **Natureza**. São Paulo: Musso Publicações, 1997.

Recebido em: 08/11/2017

Aprovado em: 22/11/2017